

FAVELA, VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS¹:
a margem sobre uma perspectiva criativa negra

FAVELA, VIOLENCE AND RESISTANCE:
the margin on a black creative perspective

FAVELA, VIOLENCIA Y RESISTENCIA:
el margen en una perspectiva creativa negra

FAVELA, VIOLENCE ET RÉSISTANCE:
la marge dans une perspective créative noire

Dayanne da Silva Santos²

Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA/Brasil

lavignedayanne@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6583-0705>

Aceito para publicação: 05/09/2023

Aceito para publicação: 30/10/2024

Resumo

Becos da memória é uma obra literária que dialoga diretamente com as perspectivas de estudo da sociologia da margem, com os estudos subalternos e decoloniais, sendo um livro importante para ampliar o debate sobre violências e protagonismos negros em todas as áreas das ciências humanas. No livro, a intelectual negra brasileira Conceição Evaristo mostra por meio de uma reflexão crítica sensível experiências alternativas de tecer resistência, autonomia e acolhimento, enquanto denuncia por meio de reflexões teórico-metodológicas o aumento das desigualdades sociais provocadas pelo processo de desfavelamento. As relações sociais tecidas em contextos distintos no interior da favela e na relação com o entorno dão forma às narrativas escritas de resistências de um modo particular e complexo de se fazer e ser favela no Brasil. Em cada experiência partilhada à favela se refaz dinâmica e comunitária mesmo entre os escombros das casas que são jogadas abaixo pelo processo de desfavelamento. As famílias respiram pelos orifícios das redes extensas de cuidados, que vão desde o compartilhamento de alimentos ao luto coletivo. É acionando a favela como um lugar criativo e de insurgência que Evaristo discute formas de coexistência e de produção de redes de autonomias em contexto marcado por uma violência de estado. Becos reuni experiências que nos possibilitam pensar na defesa do comum considerando experiências, antagonismos e alianças estabelecidos nas relações das mais internas as mais externas na constituição do que vem a ser a favela.

Palavras – chave: Resistências, violências, sociologia da margem, Conceição Evaristo.

¹ Resenha.

² Mulher afro-indígena, educadora popular, socióloga, mãe, de terreiro. Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA/Brasil; Militante do GEDMMA/UFMA, do LUTA/UFRGS. lavignedayanne@gmail.com

Abstract

Alleys of memory is a literary work that dialogues directly with the perspectives of studying marginal sociology, with subaltern and decolonial studies, being an important book to broaden the debate on violence and black protagonism in all areas of human sciences. In the book, the black Brazilian intellectual Conceição Evaristo shows, through a sensitive critical reflection, alternative experiences of weaving resistance, autonomy and acceptance, while denouncing, through theoretical and methodological reflections, the increase in social inequalities caused by the process of *desfavelamento*. The social relationships woven in different contexts within the favela and in the relationship with the surroundings shape the written narratives of resistance in a particular and complex way of doing and being a favela in Brazil. In each shared experience, the favela becomes dynamic and communal even among the rubble of houses that are thrown down by the process of *desfavelamento*. Families breathe through the orifices of extensive care networks, ranging from food sharing to collective mourning. It is using the favela as a creative and insurgent place that Evaristo discusses forms of coexistence and production of autonomies networks in a context marked by state violence. *Becos* brings together experiences that allow us to think about the defense of the common, considering experiences, antagonisms and alliances established in the relations from the most internal to the most external in the constitution of what the favela is.

Keywords: Resistances; Violence; Sociology of the margin; Conceição Evaristo

Resumen

Callejones de la memoria es una obra literaria que dialoga directamente con las perspectivas de estudio de la sociología marginal, con los estudios subalternos y decoloniales, siendo un libro importante para ampliar el debate sobre la violencia y el protagonismo negro en todos los ámbitos de las ciencias humanas. En el libro, la intelectual negra brasileña Conceição Evaristo muestra, a través de una sensible reflexión crítica, experiencias alternativas de tejido de resistencia, autonomía y aceptación, al tiempo que denuncia, a través de reflexiones teóricas y metodológicas, el aumento de las desigualdades sociales provocado por el proceso de *desfavelamento*. Las relaciones sociales tejidas en diferentes contextos dentro de la favela y en la relación con el entorno dan forma a las narrativas escritas de resistencia en una manera particular y compleja de hacer y ser una favela en Brasil. En cada experiencia compartida, la favela se vuelve dinámica y comunitaria incluso entre los escombros de casas derribadas por el proceso de *desfavelamento*. Las familias respiran a través de los orificios de amplias redes de atención, que van desde el intercambio de alimentos hasta el duelo colectivo. Es utilizando la favela como lugar creativo e insurgente que Evaristo discute formas de convivencia y producción de redes de autonomías en un contexto marcado por la violencia estatal. *Becos* reúne experiencias que permiten pensar en la defensa de lo común, considerando experiencias, antagonismos y alianzas establecidas en las relaciones desde lo más interno hacia lo más externo en la constitución de lo que es la favela.

Palabras-clave: Resistencias; Violencia; Sociología del margen; Concepción Evaristo

Résumé

Allées de mémoire est une œuvre littéraire qui dialogue directement avec les perspectives d'étude de la sociologie marginale, avec les études subalternes et décoloniales, étant un livre important pour élargir le débat sur la violence et le protagoniste noir dans tous les domaines des sciences humaines. Dans le livre, l'intellectuel noir brésilien Conceição Evaristo montre, à travers une réflexion critique sensible, des expériences alternatives de tissage de résistance, d'autonomie et d'acceptation, tout en dénonçant, à travers des réflexions théoriques et méthodologiques, l'augmentation des inégalités sociales provoquée par le processus de *desfavelamento*. Les relations sociales tissées dans différents contextes au sein de la favela et dans la relation avec l'environnement façonnent les récits écrits de résistance dans une manière

particulière et complexe de faire et d'être une favela au Brésil. Dans chaque expérience partagée, la favela devient dynamique et communautaire même parmi les décombres des maisons détruites par le processus de desfavelamento. Les familles respirent par les orifices de vastes réseaux de soins, allant du partage de nourriture au deuil collectif. C'est en utilisant la favela comme lieu créatif et insurrectionnel qu'Evaristo discute des formes de coexistence et de production de réseaux d'autonomies dans un contexte marqué par la violence étatique. Becos rassemble des expériences qui nous permettent de penser la défense du commun, en considérant les expériences, les antagonismes et les alliances établis dans les relations du plus interne au plus externe dans la constitution de ce qu'est la favela.

Mots Clés: Résistances ; Violence; Sociologie de la marge ; Conception Evaristo

DORMINDO EMBOLADA COM AS PALAVRAS

Qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando se fala em becos? E quando se fala em favelas? O convite aqui é para que se pense de outro lugar, o lugar do protagonismo mesmo que os cômodos ainda sejam muito pequenos, mesmo que o silenciamento avance com os conceitos oficiais que criminalizam e rebaixam as pessoas que vivem em áreas tidas como favelas.

No Brasil se costuma dizer que favelas são áreas precárias, com poucas ou nenhuma infraestrutura, é o lugar dos sujeitos sem futuro, nesse país que se assume mestiço para não se admitir negro e originário. Mas, de quem é exatamente esse discurso? Quais referenciais são mobilizados para sua sustentação? O que de político o sustenta, por que ele é tão usado? Conceição nos convida a pensar a resistência, por outras formas de narrar histórias de pessoas deslocadas para zonas de silenciamentos, ao mesmo tempo nos faz entender com um sentir/pensar a sustentação da vida pela maneira como as palavras se embolam no corpo das pessoas na/da favela.

Em sua terceira edição de Becos Conceição nos lembra: “foram precisos mais de 20 anos de espera” para poder publicar, por quê? A leitura de Becos para a sociologia traz um panorama mais amplo sobre como pensar os problemas sociais de pessoas situadas em zonas marginalizadas dentro do contexto do aumento das desigualdades sociais no Brasil. Em cada beco, uma narrativa situacional diferente das múltiplas relações sociais que produzem a favela como um tipo de quilombo do século XXI, no qual Vó Rita e Maria Nova são personagens principais, duas temporaneidades que desafiam o tempo das opressões para continuarem vivas, no desejo de um futuro que se configura como um presente urgente, pois o amanhã pode estar sem teto, e novas famílias ficarão mais expostas às ruas, na condição de pessoas em situação de rua. Pessoas que antes mesmo de nascerem já são abortadas, pelo não acesso a recursos básicos: saúde, educação e moradia.

“O desfavelamento no contexto de becos é uma espécie de aborto depois de grande”. Outro dia ouvir isso de uma de muitas mulheres que lutam para permanecer em seus lares, sejam eles mais rurais ou urbanos. Essa frase se amontoara dentro de mim, esse é um dos processos de escrever vivendo. “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (p. 17). Colecionando essas memórias que ora aparecem como pedras, ora como perolas que vejo em becos reflexões epistemológicas importantes para o avanço do entendimento dos problemas do povo negro no Brasil.

O livro guarda palavras tão do passado e ao mesmo tempo tão atuais, que é fácil lendo becos, a pessoa negra pensar na sua infância e em todos os processos, percursos, perdas e

enfrentamentos necessários para não se ver desfavelado de si mesmo, em meio a tantas situações em que os tratores que avançam são humanos e brancos. Esses corpos se posicionam no avanço das desigualdades e no bloqueio da entrada de pessoas negras em espaços de poder. O “desfavelamento” é físico, psíquico, econômico e social, e vem sendo autorizado pelo eco de narrativas que visam educar, urbanizar, desenvolver e proteger o povo e o país. Qual povo? Qual país?

Nem Maria-velha, Negro Alírio, Rita, Mãe Joana, Cidinha e tão pouco Totó que sabia soletrar conseguiam parar o avanço dos tratores, o medo a cada casa derrubada espreitava ainda mais a vida, de quem quase já não existia para a sociedade dominante, que diz: “a favela fede”. Era a fossa a céu aberto e o excremento quem jogava era a elite da branquitude sobre aqueles que eles consideravam menos humanos. Nem Cidinha com todo do seu charme conseguiu barrar a imposição da urbanização/ “higienização”. Essa é a forma da escrevivência, dessa escrita marginal que potencializa os quase vivos, e que permite a quem ler viver o vivido por Cidinha, gemendo com ela, sentindo-se feliz entre braços alheios. Nesse vivido é que Conceição recria o passado tão presente, a leitora lembra junto sem ter vivido de fato o acontecimento. A forma: “no campo, a terra solta, durante os jogos, a cada chute dado, levantava um redemoinho de pó, os jogadores caíam e rolavam na poeira” (p. 23).

Becos fala das redes de solidariedades e sociabilidades entre as famílias que povoavam a favela, das crianças que vinham ao mundo nas mãos de Vó Rita que depois passou a viver com a outra, embolada. Do prestígio que Cidinha-Cidoca trazia a favela, uma mulher ao mesmo tempo muito temida e muito desejada, ela podia até se deitar com homens de outros lugares, mas não ir embora.

A VIDA É UMA PEDREIRA E TAMANHO É O PERDER

Em becos Conceição coleciona histórias de ouvir, que ultrapassam os corpos aos quais pertencem e refazem a favela. Essas escutas possibilitam descolonizar histórias de um passado de dor, ao mesmo tempo que da forma a identidades como de Tio Totó. Está em jogo aqui a escrita de narrativas outras pelos olhos de quem fala, na possibilidade de escrever oralmente palavras que se amontoam e criam conexões entre passado, presente e futuro. Histórias que por muito tempo foram vividas e silenciadas na escrita oficial da produção de uma consciência brasileira. Essas memórias ainda hoje são o gatilho/pontos de partidas e espaços de liberdade, pois elas mesmas emboladas interditam os espaços de poder.

O ato de nomear de forma positiva as coisas do povo negro restitui humanidades negadas no cotidiano. Dar nomes afrocentrados a pessoas, lugares e espaços é uma forma de produção de uma consciência brasileira, é uma forma de produzir liberdade. Assim, se eu me chamo Dandara é porque sou fruto de uma luta das mulheres negras, sou a própria força, com esse nome quando ando arrebento correntes, sou rebelião, o meu nome é sinal de um estado de guerra latente no seio dessa sociedade. Essa é uma forma de acolhimento que produz resistência.

Conceição também nos convida a escrever/pensar a partir das expressões que o corpo revela quando se conta histórias, elas mostram o quanto, as memórias foram vividas, são reais. A lágrima, o sorriso, as mãos tremulas, o olhar distante seguido do silêncio, esse silêncio que denuncia a dor, saudade que fala ao sentir o ouvido vivido. Silêncio que denuncia o estupro de

Nazinha “o homem tampou-lhe a boca e gozou tranqüilo” (p. 38). O pai era o estuprador da filha.

Nazinha na sua fragilidade enfrentava o mundo, ao mesmo tempo que alerta as mães da importância da escuta de suas Nazinhas, ela deve ser diária, pois é urgente. A favela respira entre os trabalhos das lavadeiras, se as roupas caem ao chão precisam fazer todo o processo de limpeza da roupa novamente e o valor pago é menor do que o trabalho oferecido. Respira entre as atitudes das pessoas em dias de muita água e em dias de pouca água, entre os olhares normais e o olhar de quem procura ver algo, entre a espreita do lanche em meio as rezas em latim no qual todos respondiam “ora pro nobis, mater salvatoris, ora pro nobis” (p. 45).

Nesse contexto, a morte em vida aparece com o desfavelamento, ele causa o envelhecimento que ocasiona à morte mais cedo, e o querer ficar na favela revela o sentimento de pertencimento mesmo com todos os problemas que ela apresenta, a favela é um território constantemente ameaçado, é um território em disputa. Nesse cenário a fome está ligada a desesperança de que as coisas não mudam para melhor. A resistência está em sonhar e inventar uma favela melhor, mais assistida por políticas públicas básicas e sem expulsão para implantação de condomínios de luxo. Em becos é muito fina a linha entre a fome e a esperança, porém muito complexa.

No livro a personagem principal, Maria Nova, escuta para contar/narrar melhor o mundo, como um rio em remanso, ela transforma a escuta em narrativas de denúncia e esperança, no qual escutará: Nega Tuína morreu no parto, mas morrera feliz, pois teve seus filhos. Nesse processo, quanto mais se escuta mais se aguça a observação de saber ler os gestos do que estava e do que não estava escrito. A leitura que é lida do cantar cuidadoso das letras como fez mãe Joana. Muita dignidade da gente negra é perdida no modo de obediência cega, puro pavor na atitude do Zé Meleca, essas são histórias silenciosas difíceis de serem lidas, pois esbarram em uma escravatura antiga, a não reforma agrária e a expropriação de terras no país que nem a lei usucapião ou a Constituição Federal conseguiram parar o avanço.

Indo para as últimas páginas do livro é evidente que a favela vai sendo deslocada à força, vai deixando saudades e muitas memórias vão ficando presas aos becos da favela, que carregava em seus nomes um pouco da identidade dos sujeitos que a compõem, os becos choram e as pessoas também. As favelas, assim como os quilombos é o revide do povo preto, a resistência de que o projeto de morte da colonização tenta matar o povo negro, mas eles/elas sempre encontram formas de continuar (re) existindo, ontem, hoje e amanhã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil casa grande e senzala ainda convivem lado a lado, só que nas senzalas vidas são possíveis no silêncio, nos estupros coloniais de homens tarados como o Fuinha, com a morte dos homens-vadios-meninos nas noites de baculejos. O desfavelamento dos corpos recomeça. Vó Rita aparava vidas, mas não suportava as mortes. Tio Totó envelhecia mais cedo pelas dores vividas enquanto jovem, pois nem mesmo as rezas de Dora e as leituras de Negro Alírio impediam o avanço do tempo de modernizar que implicava eliminar as favelas. O mais difícil é ler realidades impostas de cima para baixo sem ser considerado subversivo.

Tem gente que está tanto tempo ali, que parece que geraram à favela como Vó Rita. Maria Nova via na magreza da vida, que a salvação estava nos estudos, aos livros ela se apegava

forte enquanto ouvia que muitos iam se libertar por meio dela. A juíza dos marginalizados é a própria consciência, nela desde criança se ouve: “não pegue nada de ninguém sem permissão”. Essa escuta dos mais velhos orienta para os perigos da vida, pois quando se diz que se é da favela em alguns lugares a vigilância sobre o corpo dessa pessoa é severa, mas, cruel são os olhares que desumanizam no silêncio. O silêncio em um olhar revela mesmo sem o outro querer uma violência, o racismo.

A escrita de becos é tão cheia de sentir que cada parágrafo transporta a leitora para além do livro, para os acontecimentos da favela.

Maria Nova se deitou sobre o colchão rasgado, de barriga para cima e olhava as estrelas pelo vão das poucas tenhas do barraco, enquanto erguia os braços e tocava o céu, já em seu último sono na favela Vó Rita abria a blusa e fazia nascer novos homens e mulheres, pelo seu coração grande nascia a humanidade inteira novos becos e favelas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 198 p.